

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Campus Litoral Norte

Departamento Interdisciplinar

Licenciatura em Geografia

Polo Picada Café

Fernanda Santos da Silva

Da tela para a sala:

O espaço do negro na teledramaturgia de Manoel Carlos

Tramandaí

2023

Fernanda Santos da Silva

Da tela para a sala:

O espaço do negro na teledramaturgia de Manoel Carlos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia do Campus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: André Baldraia

Tramandaí

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Fernanda Santos da
Da tela para a sala: O espaço do negro na
teledramaturgia de Manoel Carlos / Fernanda Santos da
Silva. -- 2023.
57 f.
Orientador: Andre Baldraia.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandai,
BR-RS, 2023.

1. geografia humana. 2. geografia. 3. questão
racial. I. Baldraia, Andre, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fernanda Santos da Silva

Da Tela para a Sala:

O espaço do negro na teledramaturgia de Manoel Carlos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia do Campus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: André Baldraia

Aprovada em: Tramandaí, em 17/01/2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. André Baldraia

UFRGS

Prof. Dr. Dakir Larara Machado da Silva

UFRGS

Profa. Dra. Sínthia Cristina Batista

UFRGS

AGRADECIMENTOS

Passados quatro anos, olho para trás e vejo muitas pessoas que estiveram ao meu lado, em algumas vezes segurando a minha mão, em outras, largando para eu pudesse trilhar este caminho. Enfim, todas foram importantes a sua maneira e merecem os meus agradecimentos.

A Deus pelo dom da vida e a Nossa Senhora por sua intercessão.

Ao meu pai Valmor, meu grande incentivador e primeiro personagem negro de destaque na minha vida, são dele os melhores exemplos e ensinamentos.

À minha irmã Alessandra, fonte de inspiração, mulher negra, estudiosa e compreensiva ao longo desta jornada.

Ao meu cunhado Flávio que partilhou grande parte deste caminho comigo, a ele o meu desejo de que um dia conclua este lindo projeto da graduação.

À minha prima Raquel, menina negra da periferia, e hoje mestra, minha total admiração.

Aos meus parentes e amigos que se orgulharam por este meu novo ingresso nos bancos acadêmicos, mas também para todos aqueles que acharam uma loucura esta minha investida.

Aos meus queridos colegas, por todos os trabalhos partilhados, compartilhados e executados às pressas, mas com muito empenho.

Aos meus professores, fonte de muita sabedoria e aprendizado, em especial ao professor Dakir Larara por sua imponência intelectual.

À professora Sinthia Batista por todos os ensinamentos no projeto das Geógrafas, mostrando-me a força da mulher.

Ao meu orientador professor André Baldraia, que incansavelmente acreditou no meu projeto, em alguns momentos até mais que eu. Sem dúvidas, seu incentivo foi essencial nesta trajetória.

Por fim, para aquele que é o motivo da minha vida, que me faz lutar para o negro ter mais espaço e voz na sociedade, e acima de tudo que tem orgulho de ser negro: meu filho amado, Leonardo.

RESUMO

O espaço que os negros ocupam na sociedade é uma temática importante de ser discutida e analisada, as faremos a partir de um olhar mais detido sobre as representações nas telenovelas. Para tanto, iniciamos apresentando um panorama do negro nos espaços da cidade do Rio de Janeiro, deslocamos posteriormente nossas reflexões da vida real para as tramas das novelas de Manoel Carlos exibidas no início do século XXI. Analisamos quatro novelas, escrutinando seus personagens, protagonistas e os espaços de pertencimento. Dali surgiram reflexões que relacionamos à lei 10639/03 com o intuito de conduzir a temática para além da tela e chegar ao ambiente escolar e, em especial, às aulas de geografia. Para tanto, realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre a posição do negro nos espaços do Rio de Janeiro ao longo do tempo, como forma de entender também sua representação nas novelas analisadas, buscamos dados de pesquisas censitárias e informações históricas para dar suporte à discussão. Por fim, concluímos que os negros continuam relativamente subestimados nas novelas de Manoel Carlos.

Palavras-chave: espaço, negro, novela e geografia

ABSTRACT

The space that black people occupy in society is an important topic to be discussed and analyzed, we will do it from a more detailed look at the representations in soap operas. To do so, we begin by presenting a panorama of black people in the spaces of the city of Rio de Janeiro, later shifting our reflections from real life to the plots of Manoel Carlos' novels shown at the beginning of the 21st century. We analyzed four soap operas, scrutinizing their characters, protagonists and spaces of belonging. From there, reflections emerged that we relate to law 10639/03 in order to take the theme beyond the screen and reach the school environment and, in particular, geography classes. To do so, we carried out a brief bibliographic review on the position of blacks in Rio de Janeiro spaces over time, as a way of also understanding their representation in the analyzed soap operas, we sought data from census research and historical information to support the discussion. Finally, we conclude that blacks are still relatively underestimated in Manoel Carlos' novels.

Keywords: space, black, novel and geography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Relação de novelas a atrizes protagonistas nas obras de Manoel Carlos	18
Quadro 2 - Pesquisa inicial sobre as novelas.....	19
Quadro 3 - Panorama e personagens das novelas analisados	32
Gráfico 1 - População do Rio de Janeiro, por cor (2010).....	13
Gráfico 2 – População total residente no Leblon, por cor (2010)	14
Gráfico 3 - População total residente na favela Cidade de Deus.....	14

Sumário

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	6
APRESENTAÇÃO	8
1. PANORAMA DO NEGRO NOS ESPAÇOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	11
2. DA VIDA REAL PARA AS CENAS	16
3. AS TRAMAS E OS DRAMAS: O ESPAÇO DO NEGRO NA OBRA DE MANOEL CARLOS	18
4. DA TELA PARA A SALA DE AULA (REFLEXÕES A PARTIR DA LEI 10639)	34
5. REFLEXÕES PARA ALÉM DA TELA	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
7. ANEXOS:.....	53

APRESENTAÇÃO

Preciso começar confessando que sou uma aficcionada por novelas e pelo Rio de Janeiro, já perdi as contas, respectivamente, de quantas já assisti e de quantas vezes estive na cidade maravilhosa. Por esses motivos, a teledramaturgia de Manoel Carlos foi e continua sendo a minha preferida. Vislumbrar paisagens típicas da cidade ao som de Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Caetano Veloso, Nana Caymmi, entre outros, despertam o meu mais fantasioso imaginário.

Em meio a este contexto, o ano de 2020 teve um sabor especial para mim, ao mesmo tempo doce e amargo. Iniciei o ano, desfrutando de muito sol e mar nas minhas areias prediletas de Copacabana junto a minha família, imaginando que aquele seria um ano perfeito.

Copacabana princesinha do mar,
Pelas manhãs tu és a vida a cantar,
E a tardinha o sol poente,
Deixa sempre uma saudade,
Na gente

Copacabana - Composição: João De Barro Braguinha / Alberto Ribeiro

No entanto, em meados de março, fomos surpreendidos por uma avassaladora pandemia, que nos fez amargar, pelo menos, um ano de isolamento. Até entendermos as proporções e as consequências do que vive(ría)mos, foram meses de muita insegurança, sintomas e mortes distantes, até elas chegarem aos nossos amigos e familiares.

Passadas as angústias iniciais daquele momento, relembro a doçura dos períodos vividos e trazidos pelo isolamento: conheci a rotina do trabalho em *home office*, redescobri as alegrias de estar na minha casa e revisei minhas novelas favoritas.

Estar no aconchego do lar, com horários mais flexíveis e sem a preocupação de estar com vestimentas devidamente adequadas foram os grandes prazeres da pandemia. Muito embora, em alguns momentos ao longo destes anos, precisei recorrer aos centros traumatológicos, fruto das excessivas horas sentadas frente ao computador.

Ainda assim, desfrutei de cada canto da minha casa, reorganizando espaços deixados de lado pela correria dia a dia, fazendo pequenos reparos, mas, principalmente, assistindo aos meus programas prediletos: as novelas.

Neste ano de 2020 tive a alegria de assistir a duas delas concomitantemente, pois reprisavam a novela *Laços de Família*, na Rede Globo, no “Vale a pena ver de novo”, durante a tarde; e a novela *Mulheres Apaixonadas*, no canal fechado Viva, em dois horários alternativos. No entanto, fui percebendo que, ao longo dos capítulos, apesar das paisagens e músicas inebriantes, um novo elemento começava a chamar a minha atenção, fruto das reflexões provindas das discussões oriundas da faculdade.

Comecei a perceber de forma mais clara que o núcleo de atores negros era muito restrito e repetitivo em ambas as novelas, inclusive duas atrizes distintas, repetiam as mesmas personagens e dividiam o mesmo nome: Zilda. E, mais do que isso, esses personagens perambulavam sempre os mesmos espaços, sendo apresentados nos ambientes domésticos e pareciam não ser detentores de um lugar próprio.

Quando essas percepções ficaram mais óbvias para mim, decidi entrar em contato com o professor André Baldraia e dividir tais conclusões. Para minha alegria, ele acolheu minhas ideias e encorajou-me a fazer delas aquilo que veremos nas páginas que seguem. Ou seja, “obriguei-me”, sem nenhum sacrifício, a revisitar mais outras duas novelas de Manoel Carlos para poder fazer um recorte temporal e aprofundar a discussão proposta.

Enfim, a construção deste trabalho uniu diferentes elementos fundamentais para mim: geografia, estudo, pesquisa, reflexões sociais, questões raciais e escrita. Todos em prol de uma discussão acerca do espaço.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho disserta sobre a temática racial através de uma visão geográfica e social. Tal estudo traz à luz da discussão as novelas de Manoel Carlos do início do século XXI, como forma de realizar uma análise que envolva ficção e vida real, mas que apresenta, de forma particularizada, os espaços ocupados pelos negros nestas tramas.

Ao longo dos capítulos, analisamos a temática amparada em obras de diferentes autores, a exemplo de Renato Emerson dos Santos, Henry Lefèbvre, Nelson da Nóbrega Fernandes, Andreilino de Campos e Joel Zito de Araújo entre outros, apresenta-se um panorama histórico e demográfico dos espaços ocupados pelos negros na cidade do Rio de Janeiro, por ser o cenário principal do novelista. Os dados censitários e históricos possibilitam propor as algumas questões sobre a realidade social vivida pela população negra, dentro e fora das telas.

Para isso, elaborou-se uma síntese das tramas estudadas, com ênfase nos personagens negros e nos espaços por eles ocupados ao longo das histórias retratadas, de forma a se propor reflexões que extrapolassem as telas e chegassem às sala de aula, através de sugestões de intervenções pedagógicas.

A abordagem proposta une a Geografia à Cultura Afro-Brasileira, na perspectiva de dar voz e vez ao negro pelos contextos da sociedade, seguindo os passos de Djamila Ribeiro e de Milton Santos.

1. PANORAMA DO NEGRO NOS ESPAÇOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Ao discutir sobre o espaço do negro nas novelas, trazendo para o debate a sentença de que “a vida imita a arte”, é importante ressaltar que para a Geografia há uma grande necessidade de abordar a noção de Espaço Urbano, como nos afirma Santos (2006, p.88), através das “divisórias e demarcações que não só contém a vida social, mas nela intervém”. Neste sentido, precisamos apontar que a comunidade negra foi, desde os primórdios, marcada pela estigmatização de seus territórios nos municípios e nas cidades e, no Rio de Janeiro, cenário principal das novelas de Manoel Carlos, não foi diferente.

Ao retomarmos à época da escravidão e, mesmo em seus últimos anos, a partir de meados do século XIX, chegaremos a negros, escravos ou libertos, ou até quilombolas, inseridos em espaços delimitados a senzalas, dispostos em fileiras de quartos sem janelas ou mobílias, fechados em pátios, onde se podiam vigiá-los e comandá-los. Estes foram os primeiros territórios negros. Após a Abolição¹, houve uma aparente substituição do escravo negro pelo imigrante livre, acompanhando um discurso que difundiu uma suposta solução, na medida em que:

Os europeus “civilizados e laboriosos” trariam sua cultura para ajudar a desenvolver a nação [...] A alternativa implicou também a formulação de uma teoria racial: a raça negra estava condenada pela bestialidade da escravidão e a vinda de imigrantes europeus traria elementos étnicos superiores que, através da miscigenação, poderiam branquear o país, numa espécie de transfusão de puro e oxigenado sangue de uma raça livre. (SANTOS, 2007, p.79)

Assim o Rio de Janeiro passou por um processo de uma tentativa de embranquecimento, fruto do *status* diferenciado dado à então capital federativa. No entanto, continuava sendo a área de maior concentração de negros do Sudeste.

Esse processo foi ocorrendo ao longo do tempo, na busca de deixar a cidade mais “civilizada”, “europeizada”, uma vez que o quilombo era uma presença africana que não podia ser tolerada pela sociedade da época. Porém, ele acontece de forma drástica e violenta, ficando conhecida como “era do bota-abaixo”², com obras de remodelação, que geraram uma

1 O Rio de Janeiro tem um bairro com este nome.

2 Expressão criada para designar o processo de reformas urbanas realizado, a partir de 1903, no Rio de Janeiro, no qual resultou na destruição de quarteirões inteiros de hospedagens, cortiços, casas de cômodos e estalagens, além de armazéns e trapiches

profunda transformação do espaço central e da área portuária do Rio de Janeiro na virada do século XX.

Nesta época, segundo dados do Recenseamento Geral da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1890, cerca de 48% dos negros economicamente ativos empregavam-se em serviços domésticos, 17% na indústria e 16% não tinham profissão. Concomitantemente, sob a luta contra a propagação da febre amarela e da necessidade de remodelação do Rio de Janeiro frente aos olhos estrangeiros, o espaço urbano central passou por uma completa reforma, através de embelezamento, ajardinamento e europeização, desenhado para “uso e convívio exclusivo da pessoa de bem” (SANTOS, 2007, p.82).

Em outras palavras, essa tentativa de expulsão dos negros do centro da cidade resultou na ocupação dos morros, produzindo as favelas em zonas mais periféricas, embora elas também tenham sido constituídas na própria área central. Porém, há de se apontar ainda que é neste momento que surge o conceito carioca de subúrbio.

Uma vez desfeitas as senzalas, o negro precisou ocupar o seu novo espaço, e é a ele dado a ocupar os subúrbios, nos moldes do conceito carioca da palavra, distante das referências históricas e geográficas e perdendo totalmente seu sentido geográfico original, passando a ser “confundida, substituída, pela representação da distância política, social e cultural”. (FERNANDES *et al.*, 2002, p.201). Em outras palavras, a constituição do subúrbio carioca foi construída de modo a retirar da cena urbana as classes mais pobres da cidade, como “uma busca exacerbada da distinção e da exclusão social que caracterizaram a sociedade brasileira.” (FERNANDES *et al.*, 2002, p. 207)

Cronologicamente, é preciso que se aponte também que não há dados discriminados por cor para os anos de 1906, 1920 e 1930, refletindo a ideologia oficial racista do período, conforme aponta Santos (2007). Já no Censo de 1950, percebemos características marcantes:

Em primeiro lugar, a periferia da cidade mais do que o centro e a Zona Sul, é a que apresenta a maior participação de pretos e pardos [...] Em segundo lugar, há uma aparente homogeneidade no resto da cidade de população não-branca (SANTOS, 2007, p. 85)

No entanto, o fato que mais parece desproporcional, ainda na década de 1950, é a relação entre o número de homens e mulheres no interior da população negra em bairros como

de áreas junto ao mar, forçando boa parte da população que ali vivia e trabalhava a se deslocar para os subúrbios ou a subir os morros próximos, atingindo especialmente a população negra da cidade

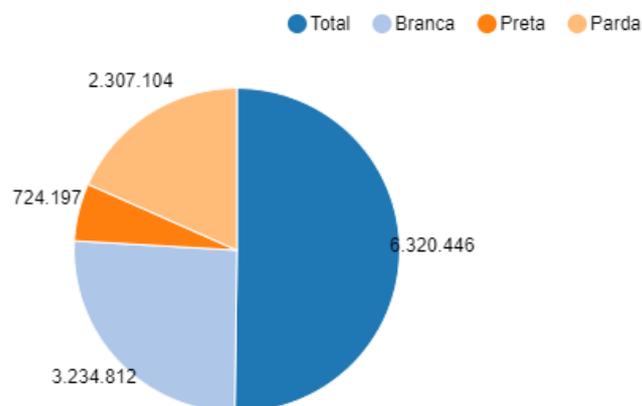
Copacabana, o que indica um enorme contingente de empregadas, faxineiras, copeiras e arrumadeiras negras, visto que elas são 70% em relação aos homens, o que explica esse número elevado em um bairro eminentemente branco da Zona Sul carioca da época.

Em suma, é preciso relembrar que, ao longo de praticamente todas as décadas, o constante desejo do embranquecimento da sociedade em geral e espaços como a Zona Sul foram a expressão espacial desse fenômeno social mais amplo, que ficou bem marcada a partir de 1980, quando Copacabana possuía apenas 13,41% de pretos e pardos, Botafogo 16,35% e a Lagoa 22,43% e, nos bairros mais bem localizados da Zona Norte, como Tijuca com 18,73% e Vila Isabel com 18,96%.

Quando chegamos aos dados do Censo 2000, percebemos que um processo de mulatização detectado entre 1950 e 1980 continua, pois o Rio de Janeiro contava com 41% de pretos e pardos em sua população, e 20 anos antes eram de 34%, porém longe de representar qualquer traço de homogeneidade, pois este número é de apenas 13,5% na região da Lagoa, na Zona Sul, enquanto são 62% na Cidade de Deus, mais ao oeste.

Através desta incursão ao passado, parece evidente o que nos mostra Santos (2007, p. 90), quando afirma que no Rio de Janeiro, assim como em outros locais, perpetua “a continuação de um modelo de urbanização excludente, do qual pretos e pardos são ainda o grupo populacional mais preterido”.

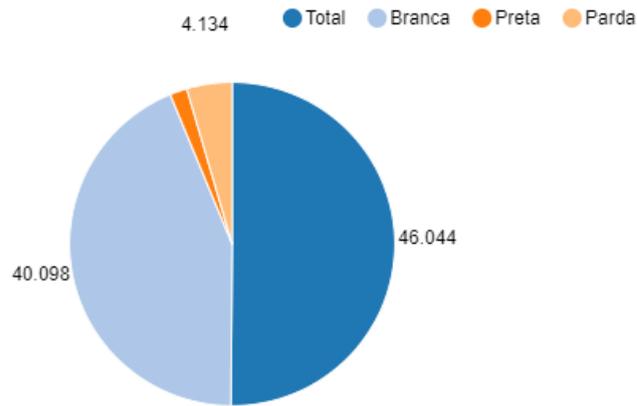
Ao analisarmos os dados do Censo 2010, percebemos que o município do Rio de Janeiro, em sua totalidade, conta com uma população de mais de 47% autodeclarada parda e negra, ou seja, 6% a mais que na amostragem anterior, conforme gráfico abaixo:



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Gráfico 1 - População do Rio de Janeiro, por cor (2010)

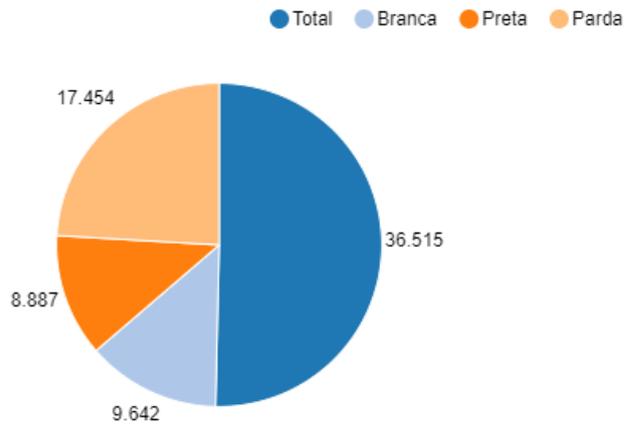
No entanto ao contrastarmos com os mesmos dados citados no Censo de 2000, no qual apontava uma variação de 13,5% na região da Lagoa e 62% na Cidade de Deus, no contingente da população negra, veremos que houve uma pequena alteração neste cenário, em relação à região dos Lagos, pois no Leblon, por exemplo, a população negra agora passou para 12,92%, conforme dados abaixo:



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Gráfico 2 – População total residente no Leblon, por cor (2010)

No entanto, ao que se refere à Cidade de Deus, o índice passou de 62% para mais de 72% de sua população autodeclarada parda ou preta, como se pode observar nos dados a seguir:



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Gráfico 3 - População total residente na favela Cidade de Deus

Ao tabularmos os dados destas duas áreas, é possível extraímos um pouco mais sobre a sua população residente. Quando falamos na formação e organização da Cidade de Deus, verificamos que ela foi considerada, por muito tempo, um dos pontos mais perigosos da cidade do Rio de Janeiro, com IDH (índice de desenvolvimento humano), no ano de 2000, de 0,751, sendo o 113º colocado entre 126 regiões analisadas, segundo os dados do Instituto Pereira Passos. Além de ter recebido, ao longo do tempo, pessoas removidas de várias favelas da cidade como parte da política de remoção de favelas de outras regiões da cidade.

Em relação ao bairro Leblon, nos dados do Instituto Pereira Passos³, aponta-se que seus moradores pertencem, em sua grande maioria, à classe alta, incluindo residentes de nomes da elite cultural, econômica e política carioca, ainda que haja moradores de classe média. É considerado o bairro com o metro quadrado mais caro do Brasil. Quanto ao IDH, encontra-se na segunda colocação com um índice de 0,967.

Tais bairros são, inclusive, espaços fortemente televisionados e cenários de produções conhecidas: a Cidade de Deus é o ambiente de um filme de mesmo nome, gravado em 2002, uma adaptação de uma obra de Paulo Lins, na qual se conta sobre a ocupação daquele espaço nos anos 1960, tornando-se um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro no começo dos anos 1980, com o intuito de narrar a vida de diversos personagens e eventos que se entrelaçam ao longo da trama.

O filme traz uma particularidade para o mundo do cinema que é estrelar um elenco de 53% de atores pretos ou pardos por tratar-se de uma obra que retrata um contexto periférico e de criminalidade, como nos aponta o artigo Gênero e Raça no cinema brasileiro.

Já o bairro Leblon é o cenário de novelas da Rede Globo, constantemente retratado pelo autor Manoel Carlos, morador do local. Tais novelas fazem parte do contingente que possui 90% de personagens representados por atores/atrizes brancos e apenas 10% por pretos ou pardos, conforme o artigo A raça e o gênero nas novelas dos últimos 20 anos.

Assim desenhamos e contornamos os espaços de circulação da população do Rio de Janeiro, que ora é real e estatística, ora é construída no imaginário popular através das mais variadas produções televisivas, apresentando e categorizando suas mazelas e contrastes.

3

[http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1172_%C3%ADndice%20de%20desenvolvimento%20humano%20municipal%20\(idh\).xls](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1172_%C3%ADndice%20de%20desenvolvimento%20humano%20municipal%20(idh).xls)

2. DA VIDA REAL PARA AS CENAS

Quando nos aprofundamos nos caminhos percorridos pelo Brasil para a sua construção enquanto nação e na contribuição dos diferentes povos que a constituíram, percebemos que há um distanciamento daquilo que nos é retratado no meio televisivo. Neste sentido, anterior às novelas, conforme nos aponta Araújo (2010, p. 27), “o rádio e o cinema tiveram um papel decisivo na organização dos relatos hegemônicos sobre a identidade nacional brasileira”, deixando para a televisão o seu apogeu a partir de 1950.

Colaborando para uma construção coletiva do imaginário brasileiro, as produções televisivas, em especial as novelas, contribuíram para a afirmação de uma população nacional com “características estéticas do segmento eurodescendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento”, segundo Araújo (2010, p. 27).

Assim cria-se um distanciamento, ou até mesmo um apagamento, da existência de um país construídos por brancos e pretos, inclusive é necessário lembrarmos que, “considerando que somos um país que tem uma população de cerca de 50% de afrodescendentes, essa é uma demonstração contundente de que a telenovela nunca respeitou as definições étnico-raciais que os brasileiros fazem de si mesmos”, afirmação importante de Araújo (2008).

Pensando que a permanente imagem do preto subalterno, dá a ele apenas os espaços servis e menos protagonizados. Entende-se, a partir de uma leitura superficial de mundo, que o negro sempre circundou apenas estes espaços. Visto que, ao nos debruçarmos sobre as novelas:

o mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão do mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante, delegado, subgerente e serviçal intermediário (mais interessado em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem “impura” (ARAÚJO, 2010, p. 28)

São estes os únicos espaços de circulação de milhares e milhares de homens e mulheres negros? Sabemos que nas obras ficcionais, os atores afrodescendentes estiveram ausentes de um terço das novelas produzidas. No entanto, este número é desproporcional ao contingente de negros que compõem nossa população brasileira.

Em virtude do que consumimos televisivamente, temos uma visão real do que nos mostra nosso país e suas relações, principalmente ao que diz respeito aos espaços ocupados pelos negros? Muito embora saibamos que as novelas não são escritas com fins didáticos e

tampouco com algum compromisso moral. No entanto, elas trazem em sua herança uma pretensa tentativa de traduzir um dado momento histórico muito próximo ao real.

Com isso, é necessário perguntarmo-nos, que espaços são ocupados por homens e mulheres negras nas novelas de Manoel Carlos? Visto que, por onde circulam os homens e as mulheres brancas, nós já sabemos e guardamos em nosso imaginário, através de seus protagonistas.

3. AS TRAMAS E OS DRAMAS: O ESPAÇO DO NEGRO NA OBRA DE MANOEL CARLOS

A partir dos apontamentos de Felisberto (2011, p. 87) “o entretenimento de maior audiência no horário nobre é a telenovela”. Tal fenômeno foi reafirmado com o enfraquecimento, em meados da década de 70, das produções cinematográficas de nosso país, fruto da repressão da ditadura militar.

Contrastando com os altos valores cobrados pelos ingressos dos cinemas, as novelas popularizaram-se em todos os lares brasileiros, tentando retratar os hábitos cotidianos, e expandindo-se a ponto de ir além do puro entretenimento:

A telenovela já conseguiu expandir seu raio de ação também para fora do espaço doméstico, pois esse tipo de programa dita moda, influencia a escolha de nomes familiares, introduz gírias e jargões no vocabulário do país, faz publicidade de produtos variados, além de uma interferência direta no âmbito musical, com a definição das trilhas sonoras. (FELISBERTO, 2011, P. 88)

Assim a teledramaturgia brasileira do início do século XXI foi marcada pela repercussão de quatro importantes novelas do escritor Manoel Carlos, iniciando por Laços de família exibida nos anos 2000, Mulheres apaixonadas em 2003, Páginas da vida em 2006 e Viver a vida em 2009. Ao longo destas diferentes tramas, é possível encontrarmos elementos que ligam a figura dos negros nas histórias retratadas, ratificando a imagem dada a eles até então.

Inicialmente precisamos reforçar que tais obras têm como foco principal retratar o desenrolar da vida de uma tradicional protagonista, já conhecida de seu público, denominada Helena, das quais foram representadas por:

Ano	Novela	Protagonista Helena
2000	Laços de Família	Vera Fischer
2003	Mulheres Apaixonadas	Cristiane Torloni
2006	Páginas da Vida	Regina Duarte
2009	Viver a Vida	Tais Araújo

Quadro 1 – Relação de novelas a atrizes protagonistas nas obras de Manoel Carlos

Geograficamente, Manoel Carlos retrata em suas tramas a realidade vivida por moradores do bairro Leblon, no Rio de Janeiro, principalmente por ser o seu bairro de residência. Por isso, as suas três primeiras protagonistas do início do século XXI são ali ambientadas, deixando apenas para a Helena, de *Viver a Vida*, estrelada por Tais Araújo, a incumbência de aventurar-se por outros espaços geográficos, deslocando a história para além do Leblon.

No entanto, ao pensarmos nos personagens negros que circundam estas tramas, perceberemos uma mudança expressiva do foco ao longo do tempo, uma vez que, inicialmente, há uma frequência destes personagens nos mesmos espaços e estereótipos, dados que vislumbraremos com mais atenção e cuidado.

Nesta perspectiva, precisamos explicitar que através de pesquisas feitas através do site oficial memoriaglobo.globo.com, pouco apreendemos sobre os personagens negros das tramas selecionadas. Por isso, grande parte das informações aqui apresentadas são fruto da observação atenta de cada capítulo das novelas em questão. Ainda assim, foi possível resgatar importantes informações no site pesquisado sobre o contexto em que tais novelas foram construídas, como segue abaixo.

Quadro 2 - Pesquisa inicial sobre as novelas

Novela	Ano	Profissão	Atores negros	Ambientação	Bairro
Laços de Família	2000	Empregada doméstica	Thalma de Freitas	Cozinha/favela	Leblon
<p>Comentários:</p> <p>teledramaturgia.com.br/lacos-de-familia</p> <p>“Muitos espectadores têm comentado a exploração da personagem, que não tem horário fixo de trabalho, cumpre múltiplas funções na casa e quase nunca tem dias de folga. No fim do ano, a própria Thalma de Freitas entrou na conversa. Disse no Twitter que a personagem não era submissa, tinha voz, mas que as críticas sobre a diferença de classe são super relevantes, enquanto existir o quarto de empregada a luta continua.”</p> <p>A Zilda era super celebrada porque era a primeira vez que a empregada doméstica era um personagem de fato, com fala, com texto, com cenas sozinha — tudo bem, era atendendo o telefone, mas ela era alguém.</p> <p>O racismo é institucional, a culpa não é da Helena. O Manoel Carlos estava reproduzindo</p>					

na casa da Helena a sociedade que ele conhece. E ele não é o cara que diz “eu não quero uma atriz negra tendo destaque na minha novela”.

Entrevista de Thalma de Freitas (07/02/2021)

<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/thalma-de-freitas-enquanto-existir-o-quarto-de-empregada-a-luta-continua/#page1>

3.1.2 Área de serviço: o ambiente das personagens negras

O núcleo negro da novela é formado basicamente por empregadas domésticas, inclusive Zilda (Thalma de Freitas) empregada de Helena, que é tratada com carinho pela patroa, como se fosse parte da família. Mas que desempenha um papel de anjo da guarda da patroa branca, o que não a diferencia das criadas negras das telenovelas dos anos 70. “Foi acentuada nos anos 70 a tendência de utilização do personagem negro como uma espécie de protetor do protagonista, representados por atores brancos.” (ARAÚJO, 2004)

Dentre os sete personagens identificados há uma médica, a única personagem que aparece com uma família. Além de mais três empregadas domésticas, dentre outras com profissão não identificada. As empregadas, a exemplo de Zilda que até comenta sobre alguns parentes que moram longe, mas que nunca aparecem e a governanta da família de Miguel que é tratada como se fosse da família dos patrões, mas que não aparece com nenhum parente de sangue, nenhuma delas tem relação familiar com pessoas de sua raça.

O elenco negro de Laços de Família é um exemplo para o trecho de Rufino dos Santos (1988) destacado no artigo “Da senzala à cozinha: Trajetória das personagens negras na telenovela brasileira” de Danúbia Andrade (2008).

As telenovelas são um planeta branco, aqui e ali salpicado de pretos - o chofer, a cozinheira, o policial... Realistas no sentido em que são essas de fato as profissões comuns dos negros reais, mas falsificados no sentido em que eles não têm família, não têm ideias nem sentimentos, salvo os dos patrões: são coisas, apêndices, e não pessoas. (RUFINO DOS SANTOS apud ANDRADE, 2008)

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-representacao-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.htm>

Novela	Ano	Profissão	Atores negros	Ambientação	Bairro
Mulheres Apaixonadas	2003	Empregada doméstica	Roberta Rodrigues	Cozinha/favela	Leblon
		Professora	Lica Oliveira	Escola	
		Cantora	Elisa Lucinda	Bar do hotel	
		Cantor		Bar do hotel	

		Médica	Laércio de Freitas	de	Leblon/hospital	
			Camila Pitanga			

Sinopse da novela:

Helena começa a questionar se é feliz em seu casamento com Téo. Tem uma vida regrada, vive um relacionamento estável, sem grandes brigas, mas também sem muita paixão. O casal tem um filho pequeno, Lucas. Ela dirige a Escola Ribeiro Alves (ERA), propriedade de seu marido e da sua cunhada Lorena. Téo é saxofonista de uma banda de *jazz*. A *crooner* da banda é a amiga Pérola, com quem ele teve uma filha no passado, Luciana.

Hilda e Heloísa, as irmãs de Helena, também são casadas e amam seus maridos, cada uma à sua maneira. Hilda é uma mulher segura e vive um casamento feliz com Leandro, mas sua felicidade será abalada com a descoberta de uma doença. Já Heloísa é problemática e tem um ciúme doentio de Sérgio, que beira a insanidade. As três irmãs são grandes amigas e compartilham suas angústias e dúvidas a respeito do futuro e felicidade.

O reencontro de Helena com um antigo namorado, César, a fará questionar suas escolhas: talvez ela tenha se casado com o homem errado... Quando conheceu Téo, Helena deixou César para se casar com o músico e não o reencontrou mais. Mas ela recebe a notícia de que ele está morando no Rio de Janeiro, que ficou viúvo, que é neurocirurgião na clínica onde sua enteada Luciana trabalha, e que a filha dele, Marcinha, é aluna da ERA.

No passado, César se sentiu preterido e enganado por Helena. Com o passar dos anos, o médico se transformou em um homem duro e temido pelos que trabalham com ele. Viúvo, tem uma relação instável com o filho Rodrigo, que o acusa da infelicidade da mãe recém-falecida, e não aceita sua relação com Laura, companheira de trabalho. Mas Laura será trocada pela bela médica Luciana, que chamou a atenção de César.

Para aumentar suas incertezas sobre o futuro de seu casamento, Helena passa a desconfiar de um caso de Téo com uma certa Fernanda. Na verdade, não há mais nada entre os dois, mas Lucas, filho adotivo de Helena e Téo, é fruto desse antigo caso, fato que Helena desconhecia. Com o passar do tempo e a morte de Fernanda, vítima de uma bala perdida, Helena descobrirá a real paternidade do filho adotivo.

Lorena, irmã de Téo, já foi professora, mas decidiu delegar para a cunhada a direção de sua escola. Foi casada com Rafael, com quem teve dois filhos, Vidinha e Diogo, ele, recém-casado com Marina, apaixonada por ele e louca de ciúmes por causa de Luciana, prima de Diogo com quem ele teve uma relação mal resolvida. Lorena desperta para a paixão ao conhecer Expedito, filho de um empregado, um rapaz bem mais jovem que ela.

Raquel é outra mulher que se vê envolvida por um homem mais jovem. Professora de Educação Física, ela troca São Paulo pelo Rio na esperança de mudar de vida. Vai buscar uma oportunidade na ERA e se depara com o adolescente Fred, que se apaixona pela nova professora. Mas este caso ainda vai enfrentar um sério obstáculo: o violento Marcos, ex-

marido de Raquel que chega ao Rio em seu encalço para atormentar sua vida.

<http://teledramaturgia.com.br>

Descrição dos personagens negros:

Sônia Fernandes (Priscila Dias) – Empregada de Helena (Christiane Torloni) e casada com Jeremias (Wilson Cardozo), motorista de Lorena (Susana Vieira). Sônia é muito querida por todos na família. A relação de carinho é tamanha que Sônia entregou seu filho para Helena batizar.

Jeremias Fernandes (Wilson Cardozo) – Marido de Sônia (Priscila Dias), empregada de Helena (Christiane Torloni), e motorista particular de Lorena (Susana Viera).

Zilda (Roberta Rodrigues) – Trabalha na casa de Irene (Marta Melinger).

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/personagens/>

22/09/2003 – 19h53

Justiça nega pedido de domésticas contra “Mulheres Apaixonadas”

PUBLICIDADE da Folha Online

A juíza Hertha Helena Rollemberg Padilha Palermo, do Tribunal de Justiça de São Paulo, negou o pedido do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Jundiaí e Região (São Paulo) contra a novela “Mulheres Apaixonadas”, da Globo.

A ação cautelar pedia uma liminar para impedir a exibição de cena em que Zilda (Roberta Rodrigues), uma empregada doméstica, tem relação sexual com Carlinhos (Daniel Zettel), filho adolescente dos patrões.

A decisão saiu hoje à tarde. Nela, a juíza defende que a novela é uma obra de ficção e que não deve ser confundida com a realidade. “Segundo o entendimento do autor nenhum personagem ruim ou que pratique atos condenáveis pode ter profissão definida, porque tal atentaria contra os direitos da personalidade de todos os profissionais da categoria”.

Segundo a juíza, a novela não denigre a imagem das profissionais domésticas.

O processo foi julgado extinto, sem apreciação do mérito.

Na novela, Carlinhos tenta perder a virgindade e assedia Zilda, que antes negava as investidas do adolescente até que decidiu aceitá-las. Para o sindicato, no entanto, a novela de Manoel Carlos gera preconceito.

3.2.2 Classe média e baixa: mulheres negras marcam presença nos dois núcleos

O núcleo negro de Mulheres Apaixonadas está dividido entre classe média e baixa. E as mulheres estão presentes nas duas com uma médica, uma cantora e uma professora, na classe bem-sucedida. Mas no núcleo pobre prevalece a profissão estereotipada de empregada doméstica com três personagens. Os nove personagens negros identificados têm ligação direta com a protagonista, inclusive as empregadas, uma delas é mãe de um afilhado de Helena. A novela foi a estreia de uma atriz negra que mostrou talento, mas como uma personagem estereotipada, a empregada Zilda (Roberta Rodrigues), uma mulher sensual que era assediada pelo filho adolescente de seus patrões.

Zilda traz um dos piores estereótipos atribuídos às mulheres negras, como destaca Lucia Loner Coutinho (2010) “Esta imagem da mulher negra lasciva, elemento corruptor da ordem familiar, representada de forma quase animalésca, é um dos maiores estereótipos que acompanham a cultura e imagem dos negros”. Ela destaca, citando Sueli Carneiro (2002), que essa imagem atribuída à mulher negra foi cravada na cultura brasileira devido às relações dos tempos de escravidão em que as escravas eram acusadas de corromper a ordem familiar por seduzir seus senhores. “A sociedade colonial e escravista contribuiu imensamente para a criação do mito de mulheres quentes, atribuído, até hoje as negras e mulatas pela tradição oral e disseminado no meio intelectual através da literatura” (Carneiro apud COUTINHO, 2010).

Não só através da literatura, como expôs Carneiro, mas também por meio da cultura brasileira. Essa sensualidade ligada à cor da pele é um dos únicos atributos, por exemplo, que coloca a mulher negra em evidência na mídia em época de carnaval, em que os meios de comunicação divulgam intensamente as belas mulatas com seus corpos seminus atraindo a atenção do público, em especial dos turistas.

Vale ressaltar também, que uma das personagens que integrava o núcleo de classe média era a médica Luciana, interpretada pela atriz Camila Pitanga que apesar de se autodeclarar negra sua figura é “quase um contrassenso num país em que a negritude está tão ligada à cor da pele. O título de mulher-negra-que-chegou-lá nem sempre é atribuído a ela, já que muitas pessoas preferem considerá-la branca”. (CAROL FREDERICO, 2006)

<https://monografias.brasescola.uol.com.br/arte-cultura/a-representacao-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.htm>

Novela	Ano	Profissão	Atores negros	Ambientação	Bairro
Páginas da Vida	2006	Estudante Médica	Jorge de Sá Elisa Lucinda	Casa da protagonista Hospital	Leblon Vila em Botafogo

Sinopse da novela:

A estudante Nanda conhece Olívia em Amsterdã e acabam se tornando grandes amigas. Olívia está na cidade em lua de mel com o marido, Sílvio. Nanda revela à amiga que está grávida do namorado Léo. Após a recusa de Léo em aceitar sua gravidez, Nanda decide voltar para o Brasil com Olívia.

Aqui, Nanda é atropelada e levada para o hospital onde trabalha a médica Helena. Grávida de um casal de gêmeos, a moça não resiste e morre, mas Helena consegue salvar os bebês. No entanto, uma das crianças, portadora de Síndrome de Down, é rejeitada pela avó da moça, Marta, uma mulher intransigente e amargurada com a vida.

Os avós ficam com o menino, batizado de Francisco, enquanto Helena esconde de todos que adotou a menina com Down, a quem dá o nome de Clara. Helena é uma mulher que já perdeu muita coisa na vida e faz de Clara a razão de sua existência. Dois homens – Diogo, uma paixão do passado, e Greg, o ex-marido – brigam por sua atenção.

Anos depois, Olívia, com o casamento com Sílvio desfeito, envolve-se com Léo. Ele retornou ao Brasil porque descobriu que tem um filho e, com o apoio de Olívia, está decidido a lutar pela posse do menino. O avô Alex não abre mão da guarda de Francisco, mas a avó, Marta, faz de tudo para que o neto fique com pai, visando um bom retorno financeiro.

Porém, Alex, Léo e Olívia não imaginam que a menina de Nanda, que julgavam morta, está viva, e bem próxima. A única que sabe de sua existência é Marta, que acordou com Helena a adoção da criança. O dilema de Helena será revelar ou não a todos que Clara é criada por ela.

<http://teledramaturgia.com.br/paginas-da-vida/>

Descrição dos personagens negros:

Salvador Fortunato (Jorge de Sá) – Filho de uma ex-empregada de Helena ([Regina Duarte](#)), que o “adotou” após a morte da mãe, fazendo tudo por ele. É um ombro amigo para Helena, a quem trata como mãe.

Selma Araújo (Elisa Lucinda) – Médica obstetra e amiga inseparável de Helena ([Regina Duarte](#)). Já foi discriminada por alguns pacientes por ser negra. Tem um relacionamento estável com o chefe da enfermagem, Lucas (Paulo César Grande), com quem divide um apartamento. É uma mulher bonita e está sempre pra cima, ajudando Helena em suas aflições.

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/paginas-da-vida/personagens/>

3.3.2 Cadê os negros?

O autor tentou inserir a questão racial na trama, mas foi fraco em sua tentativa. Apesar de ter uma personagem de classe média exercendo uma profissão valorizada pela sociedade, sofria discriminação em seu próprio ambiente de trabalho. E apesar de ter uma protagonista branca justa que era indignada com cenas de preconceitos, a quantidade de papéis destinados a atores negros foi pequena, fazendo tímida a tentativa de Manoel Carlos.

No núcleo fixo da novela, poucos negros foram identificados, sendo apenas o filho adotivo de Helena, que apesar de aparecer quase sempre junto com a protagonista, não exerce nenhuma imposição na trama, é um personagem fraco. E entre as mulheres negras que foram possíveis identificar há a médica, Selma, amiga de Helena, e duas empregadas domésticas, além de uma com profissão não identificada.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-representacao-mulher-negra-na-tele-dramaturgia-brasileira.htm>

Novela	Ano	Profissão	Atores negros	Ambientação	Bairro
Viver a vida	2009	Modelo internacional	Tais Araújo Aparecida Petrowki Michel Gomes Lica Oliveira Marcello Melo	Búzios/ favela e Leblon Búzios e favela Búzios Búzios Favela	Cidade de Búzio, favela e Leblon

Sinopse da novela:

Helena é uma *top model* no auge do sucesso. Em Búzios, sua cidade natal, ela conhece Marcos, por quem se encanta, sem saber que o empresário é pai de Luciana, uma modelo principiante que inveja sua posição. Com o casamento, Helena terá que conviver com a resistência da enteada à união do casal. Enquanto faz oposição ao romance do pai, Luciana sonha em conquistar o sucesso nas passarelas. Mimada, ela sempre teve tudo o que desejou e não vai desistir fácil da ideia, passando a competir com Helena, a quem enxerga como uma rival, no coração do pai e na profissão.

Marcos é divorciado de Tereza, com quem teve três filhas: Luciana, Isabel e Mia. Cansada de culpar o casamento pelo fracasso e infelicidade de sua vida, Tereza optou pelo divórcio. Porém, apesar da corajosa resolução, ela carrega a amargura de ter abandonado as passarelas no auge da carreira para se casar com Marcos. E este rancor fica mais evidente quando seu ex-marido se envolve com Helena, uma mulher vinte anos mais nova e, ainda, modelo bem-sucedida, como ela foi no passado.

Luciana namora Jorge, um arquiteto responsável e trabalhador, com valores rígidos. Com pavor do mundo de aparências e holofotes, ele tenta dissuadi-la de seguir a profissão de modelo. Jorge tem um irmão gêmeo, que é o seu oposto: Miguel, residente de Medicina,

alegre e divertido. Conhecido por fazer brincadeiras fora de hora, ele não poupa o irmão, a cunhada, nem mesmo Renata, com quem tem um namoro de altos e baixos. Miguel não concorda com a forma com que ela lida com suas frustrações. Renata abusa do álcool e, para compensar as calorias, deixa de comer.

Luciana e Helena viajam ao Oriente Médio para um desfile internacional. Após uma séria discussão com Helena, Luciana é obrigada a viajar em um ônibus com outras modelos, longe da madrasta. Um acidente com o ônibus deixa graves sequelas na jovem. De volta ao Brasil, o sonho de uma brilhante carreira de modelo para Luciana está interrompido: ela fica tetraplégica. E Helena passa a carregar a culpa por tê-la obrigado a fazer aquela viagem. E terá que enfrentar a fúria de Tereza, que havia lhe confiado que tomasse conta de sua filha.

<http://teledramaturgia.com.br/viver-a-vida-2009/>

Descrição dos personagens negros:

Helena (Taís Araújo) – Filha de Edite (Lica Ribeiro) e Oswaldo (Laércio de Freitas), irmã de Sandra (Aparecida Petrowki) e (Michel Gomes). Top model de renome internacional. Está no auge da carreira, aos quase 30 anos. Criada em Búzios, balneário do Rio de Janeiro, foi para a capital ainda na adolescência, onde iniciou sua carreira. Mora em um simpático apartamento com a amiga Ellen (Daniele Suzuki). Como modelo, viajou o mundo, morou em vários países e conquistou estabilidade financeira. A maturidade precoce a colocou no centro da família. Teve dois romances marcantes, mas sempre colocou a carreira em primeiro plano. Durante um desfile em Búzios, conhece Marcos (José Mayer) e se encanta com seu cavalheirismo. Ao longo da trama, envolve-se também com Bruno (Thiago Lacerda).

Sandra (Aparecida Petrowki) – Filha de Edite (Lica Ribeiro) e Oswaldo (Laércio de Freitas), irmã de Helena (Taís Araújo) e Paulo (Michel Gomes). Vive se metendo em confusão. Não gosta quando destacam o sucesso da irmã, pois sente-se inferiorizada. Passa temporadas na casa de Helena, no Rio de Janeiro. Namora Benê (Marcello Melo), um marginal com passagens pela polícia.

Paulo (Michel Gomes) – Filho de Edite (Lica Ribeiro) e Oswaldo (Laércio de Freitas), irmão caçula de Helena (Taís Araújo) e Sandra (Aparecida Petrowki). Vive com a mãe em Búzios, mas seu sonho é morar no Rio de Janeiro. Tem um romance com Soraia (Nanda Costa).

Edite (Lica Oliveira) – Mãe de Helena (Taís Araújo), Sandra (Aparecida Petrowki) e Paulo (Michel Gomes), casou-se cedo com Oswaldo (Laércio de Freitas), homem bem mais velho que ela. Divorciou-se, mas mantém boa relação com o ex-marido. Namora Ronaldo (César Melo), com quem cuida da pousada em Búzios que Helena lhe deu.

Benê (Marcello Melo) – Namorado de Sandra (Aparecida Petrowki), mau-caráter que está sempre envolvido com as pessoas erradas. Já tem algumas passagens pela polícia. Gosta de Sandra, mas seu objetivo é levar vantagem sempre.

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/personagens/>

Comentários:

E finalmente, a Helena vivida por Taís Araújo que chamou atenção por ser a primeira protagonista negra de uma novela do horário nobre da Rede Globo. Nasceu em Búzios, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda adolescente e tornou-se uma modelo famosa e bem-sucedida. Querida pela família e amigos, mas invejada por colegas de profissão, principalmente por Luciana (Aline Moraes) que seria peça chave no maior drama que a personagem viveria no decorrer da novela. Sempre muito preocupada com a família, sofria com os problemas vividos pela irmã mais nova, que se envolveu e engravidou de um marginal. Casou-se com Marcos (José Mayer), vinte anos mais velho e pai de Luciana. Porém, no final ficou com Bruno (Thiago Lacerda), que conheceu em Petra, na Jordânia.

Era uma mulher jovem, bonita e independente, valorizava seus traços negros como o cabelo crespo quase sempre natural, o que destacou suas raízes, pois como afirma Coutinho (2010), depois da cor da pele, o cabelo é o maior símbolo da raça negra, podendo assumir uma postura identitária.

Os cabelos da mulher negra representam um exemplo das dificuldades de adequação a um padrão de beleza europeizado. Na realidade o cabelo é um dos principais focos de preocupação estética entre as negras, e é tópico de extensa discussão, podendo ser considerado como símbolo de uma posição política. Cabelo dos negros é, depois da cor da pele, o maior símbolo estético de estigma, sofrendo uma desvalorização evidente. (COUTINHO, 2010)

A novela já começa mostrando o contraste do núcleo negro com cenas de Helena, uma modelo rica e famosa dando uma entrevista na bela cidade de Búzios, enquanto sua irmã mais nova, Sandrinha (Aparecida Petrowky), foge da polícia em uma favela do Rio de Janeiro com o namorado marginal, também negro.

Os personagens negros da novela são a família de Helena, com a mãe e o padrasto que são donos de uma pensão em Búzios, o pai que é músico, a irmã e o sobrinho, o irmão adolescente e um ex namorado que também é modelo.

A suposta protagonista da novela, a personagem de Helena, após ser retirada de seu núcleo familiar negro para transitar exclusivamente num núcleo branco e assim ser sujeita a traições e humilhações, é posta de joelhos diante de uma de suas antagonistas brancas – já que, para uma negra, não basta uma só antagonista, devendo vir elas em número de três: a amante do marido, a filha mimada e infantilizada do marido e a ex-mulher do marido. A ideia de protagonista negra, na Globo, enfim foi definida claramente. Uma heroína que, se inicialmente surgia diante de um drama familiar, afirmando um núcleo negro protagonista, como âncora, marco e raiz, veio sendo reduzida dramaturgicamente a pobre vítima de suas três antagonistas brancas, tendo estas enfim recebido mais espaço de visibilidade que a suposta protagonista. O papel, de central, tornou-se periférico, apoio para a virada de jogo das outras atrizes, que passam a receber os aplausos da população e das “críticas” noveleiras de plantão, prontas para limar a atriz negra por seu papel “sem graça”.

(DUARTE, 2009)

Diante da importância das Helenas nas novelas de Manoel Carlos, esse papel nas mãos de uma atriz negra poderia ter sido a chance de mostrar a capacidade dessa parcela do meio artístico, tão pouco explorada nos elencos de grandes autores. Porém, ao contrário, o autor foi acusado de não abraçar a questão racial como poderia.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-representacao-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.htm>.

A partir dos dados coletados e ao revisitar estas antigas tramas, que retratam de costume e ideais de sua época, foi possível redesenhar também a imagem dada ao negro e seus espaços de pertencimento. De forma muito clara e objetiva, perceberemos que há uma notória “invisibilidade” de suas histórias e trajetórias, pois muitos deles circundam os mesmos espaços ao longo de suas tramas, não nos são apresentadas suas origens, tampouco seus espaços pessoais. Em outras palavras, muitos deles estão apenas a serviço da grande heroína Helena.

Segundo Campos (2006, p. 77), isso se deve ao fato de que:

A “invisibilidade” dos afrodescendentes, em larga medida, é resultado, entre outros fatores, do imaginário instituído sobre esse segmento social. Imaginário imposto pelos grupos socialmente dominantes que, ao longo de nossa história, produziram discursos que proporcionaram a desqualificação, por um lado.

Ao nos debruçarmos em cada uma das novelas pesquisadas, teremos um panorama para nossa reflexão, que se inicia nos anos 2000 através da novela *Laços de Família* apresentando a personagem principal Helena, estrelada por Vera Fischer, uma jovem viúva, moradora do bairro Leblon, branca, que abre mão de um amor por sua filha. Nesta trama, a personagem negra de destaque é a atriz Thalma de Freitas, dando vida à empregada doméstica Zilda.

A obra levanta um sério questionamento sobre os trabalhadores domésticos, uma vez que Zilda está a serviço de sua patroa Helena. No entanto, nas horas livres cuida do neto da patroa, bem como o filho da vizinha Capitu. Raras são as vezes em que esta personagem está em outro local, senão nas dependências da casa de Helena exercendo seus trabalhos

domésticos, além disso não há registros do local de origem da personagem, tampouco da sua localização residencial dentro da trama. Ainda assim, Thalma de Freitas afirma, em uma reportagem ao Observatório da TV, que há protagonismo em sua personagem, destacando que foi incumbido a ela uma das primeiras oportunidades de negros entrarem em cena com falas e diálogos no núcleo principal.

Já na novela *Mulheres Apaixonadas*, datada de 2003, que traz como personagem principal a Helena, de Christiane Torloni, mulher branca, moradora do bairro Leblon, forte, dona de uma Escola tradicional do Rio de Janeiro, que cuida da família, em especial das irmãs, além de lutar pelo amor. Dentro do seu núcleo direto, encontramos novamente uma empregada doméstica negra, estrelada por Priscila Dias, casada na trama com o motorista negro da protagonista, Jeremias, interpretado por Wilson Cardoso. Ao longo da trama, desvendamos que eles moram nas dependências de empregados, sem nenhuma menção a outros espaços fora deste contexto.

No entanto, os personagens negros de maior destaque na novela em questão são Roberta Rodrigues⁴, que deu vida a uma empregada doméstica, também denominada como Zilda, tal qual a trama anterior, uma jovem sedutora que encanta o filho dos patrões, que em alguns momentos menciona morar em uma favela, não nominada na trama. Além da professora negra Adelaide, interpretada por Lica Oliveira, que divide um apartamento com outra professora da escola no bairro Barra da Tijuca. Além da médica Luciana, estrelada por Camila Pitanga, ainda que não haja em seu fenótipo as características clássicas da negritude⁵, filha de Pérola, vivida por Elisa Lucinda, e moradora do bairro Leblon.

Quando nos deparamos com tantas tramas que trazem personagens negros em espaços e situações servis, precisamos entender o que nos coloca Campos, 2006, página 100, na explicitação de que:

Do ponto de vista das práticas sociais, transformar os afrodescendentes em seres socialmente inferiores é uma condição básica da submissão presente desde o Brasil colônia, como os registros encontrados na literatura. Mesmo superada a escravidão, eles não foram reconhecidos como iguais, apesar de as leis dizerem o contrário, em quase todas as áreas da vida social. Os

4 Roberta Rodrigues recebeu a oportunidade de estreiar nesta novela, graças ao convite de Manoel Carlos, que assistiu sua atuação no filme *Cidade de Deus*, no qual a atriz teve uma atuação de destaque.

5 Aponta-se que a atriz possui cabelos liso, nariz e lábios finos.

afrodescendentes no imaginário instituído, certamente, ainda são reconhecidos como inferiores, apesar de não mais considerados escravos.

A partir da novela *Páginas da Vida*, que teve sua estreia em 2006, conhecemos a protagonista Helena, vivida por Regina Duarte, moradora do bairro Leblon, médica que adota Salvador, um jovem universitário, filho negro de sua empregada falecida, representado por Jorge de Sá, além da adoção de uma menina com síndrome de Down rejeitada pela avó. Nesta trama, temos também a presença da atriz Elisa Lucinda, que dá vida à médica Selma, amiga da protagonista, moradora de uma vila do bairro Botafogo.

Neste ambiente, esses dois personagens negros trazem importantes discussões ao longo da trama, apresentando conflitos e situações de preconceitos sociais por eles vividos. Salvador, em uma determinada ocasião, tem seu cheque negado em um restaurante, despertando a indignação de sua mãe adotiva, além de Selma, que enfrenta preconceito em seu ambiente de trabalho e por parte de sua enteada, fruto da cor de sua pele. Podemos inclusive entender que a presença destes dois personagens parece acrescentar uma discussão social sobre a posição do negro e, de certa forma, apontam para uma ascensão social.

A última trama analisada, a novela *Viver a vida*, datada de 2009, é protagonizada pela Helena, de Tais Araújo. Negra, solteira e top model internacional, ela deixa a família em Búzios para trabalhar. Além de ter um núcleo familiar com conflitos, fruto do envolvimento da irmã com um marginal. Nesta história temos o núcleo principal estrelado por atores negros que fazem parte da família de Helena, que são ambientados tanto no Leblon quanto em Búzios, além de algumas favelas do Rio de Janeiro.

Destaca-se a presença da atriz Lica Oliveira, dando vida a Edite, mãe de Helena, dona de uma pousada em Búzios, que namora Ronaldo, representado pelo ator Cesar Melo; Laercio de Freitas, contracenando como o músico Oswaldo, pai de Helena, além da atriz Aparecida Petrowki, estrelando os conflitos de Sandrinha, irmã de Helena, que namora Benê, vivido por Marcelo Mello, um marginal com passagem pela polícia, morador de uma favela do Rio de Janeiro, e também Paulo, irmão de Helena, estrelado por Michel Gomes, que mora em Búzios com a família.

É preciso que se dê destaque ao fato de que esta última trama tem um deslocamento do espaço geográfico, repetidamente dado por Manoel Carlos, fazendo a Helena e sua família perpassarem outros lugares que não o bairro do Leblon, cenário típico das tramas do autor.

Ampliando esta discussão, nesta história a protagonista não é originária do Leblon, inclusive se distancia de sua família para viver nesse bairro.

A partir do conjunto destas obras é possível estabelecermos uma série de questionamentos acerca da discussão sobre o espaço do negro, uma vez que apresentam significativas mudanças ao longo das tramas apresentadas, ou seja, grosso modo, passou-se da empregada para a protagonista, conforme apresentado no quadro abaixo. Ainda assim, precisamos analisar não somente o espaço, mas as discussões nascidas destas conjunturas.

Quadro 3 - Panorama e personagens das novelas analisados

<i>Ano</i>	<i>Novela</i>	<i>Espaço geográfico principal</i>	<i>Personagens negros</i>	<i>Atores e atrizes</i>	<i>Profissão dos personagens</i>	<i>Bairros dos personagens negros</i>	<i>Contexto dos personagens negros</i>	<i>Protagonista (Helena)</i>	<i>Características da protagonista</i>
2000	Laços de Família	Leblon	Zilda	Thalma de Freitas	Empregada Doméstica	não identificado	Uma empregada representada em único espaço (casa da patroa)	Vera Fischer	Branca, mãe, viúva e abre mão de um amor pela filha
2003	Mulheres Apaixonadas	Leblon	Luciana	Camila Pitanga	Médica	Leblon	A única personagem negra que reside no Leblon, porém com fenótipo atípico	Christiane Torloni	Branca, mãe, personalidade forte, cuida da família, em especial das irmãs e luta pelo amor.
			Zilda	Roberta Rodrigues	Empregada Doméstica	não identificados	Menciona ter um namorado policial que mora em uma favela que não é identificada.		
			Sônia	Priscila Dias	Empregada Doméstica		Uma empregada representada em um único espaço (casa da patroa)		
			Jeremias	Wilson Cardoso	Motorista		Um empregado representada em um único espaço (casa da patroa)		
			Pérola	Elisa Lucinda	Cantora		Ex-mulher de Téo, canta no bar de um hotel		
			Ataulfo	Laércio de Freitas	Maestro		Marido de Pérola, toca junto a esposa		
			Adelaide	Lica Oliveira	Professora		Divide apartamento com a colega de trabalho, mas não é no Leblon		
2006	Páginas da Vida	Leblon	Salvador	Jorge de Sá	Universitário	Leblon	Filho da empregada falecida de Helena, adotado por ela.	Regina Duarte	Médica, adota o filho da empregada e uma menina dow rejeitada pela avó
			Selma	Elisa Lucinda	Médica	Vila em Botafogo	Amiga da protagonista, sofre preconceito tanto no ambiente de trabalho quanto doméstico, onde a enteada não a aceita plenamente.		

2009	Viver a Vida	Leblon, Búzios e Favela	Helena	Taís Araújo	Modelo Internacional	Leblon	Namora o pai de uma modelo que ficou paralítica. Por ela negar-se a viajar em sua companhia, apanha de joelhos da mãe da moça.	Tais Araújo	Negra, solteira, deixa a família em Búzios para trabalhar, tem um núcleo familiar com conflitos, irmã se envolve com um marginal
			Sandrinha	Aparecida Petrowky	Funcionária da Pousada	Búzios	Não tem interesse em trabalhar com a família, vive envolvida em confusões por conta do namorado		
			Benê	Marcelo Mello	-	favela	Jovem mau caráter, já teve passagens pela polícia		
			Edite	Lica Oliveira	Dona de Pousada	Búzios	Casou-se jovem com Oswaldo, homem bem mais velho, divorciou-se e namora com Renato		
			Ronaldo	César Melo	Funcionário da Pousada	Búzios			
			Oswaldo	Laércio de Freitas	Músico	Búzios	Ex-marido de Edite, mas mantém um bom relacionamento com a ex-mulher		
			Paulo	Michel Gomes	Funcionário da Pousada	Búzios	Sonha em morar no Rio de Janeiro com Helena		

4. DA TELA PARA A SALA DE AULA (REFLEXÕES A PARTIR DA LEI 10639)

Refletir sobre o espaço através das histórias da teledramaturgia apontam para uma visão real de como foi se formando a sociedade apresentada através do imaginário televisivo, trazendo à tona a ideia, inclusive, da insignificância, a partir do que nos coloca Lefebvre (2008, p. 37), de que

o espaço aparentemente insignificante, ou seja, neutro, não significaria de início sua insignificância, seu caráter vazio, e em seguida, através dessa neutralidade, desse vazio aparente, *alguma coisa* no nível da sociedade inteira, isto é, da sociedade neocapitalista

Neste sentido, percorrer pelas histórias televisivas, de certa forma, dão suporte para entendermos o que representou uma sucessão de tramas, nas quais muitos espaços, principalmente aqueles circundados pelos personagens negros, apresentaram-se no plano da neutralidade, beirando a insignificância, através da ausência de informações, a ponto de representar *coisa alguma*, neste caso. Situação que favorece a reflexão da constituição destes espaços como sendo produtores de uma ideia imposta pela Sociedade.

Tal realidade reforça a necessidade da discussão sobre a temática, mas sobretudo da importância de fazê-la em todas as esferas da sociedade, principalmente no âmbito escolar.

Para isso, a Lei 10.639 traz um importante aporte para essa furtiva discussão, possibilitando ampliar essa necessária reflexão a partir de diferentes ângulos e, por que não, através de esferas midiáticas, como novelas, documentários, filmes, etc, em sala de aula.

Assim, destacamos que conforme nos aponta Santos (2007, p.22) “em janeiro de 2003, foi promulgada a Lei 10.639. Fruto de lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro”. Neste momento histórico, devemos entender que tal Lei assume, no mundo da educação, um papel importante na tentativa de reverter o quadro de desigualdade racial no Brasil, através do acréscimo de conteúdos que incluíssem o estudo da:

“História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (Lei 10.639 – artigo 26)

Nesta perspectiva, o ensino da Geografia passou a dar atenção às relações sociais existentes nos diferentes espaços, como forma de superar as desigualdades raciais e o racismo. Diferente de pensarmos apenas em questões físicas e cartográficas, Santos (2007, p. 25) esclarece que:

O ensino de Geografia, enquanto aprendizado que não apenas transmite conhecimentos de um ramo científico, mas, acima de tudo, contribui para a formação humana, constituindo referenciais para inserção do indivíduo no mundo, em seus espaços de socialização

É preciso que se aponte ainda que as discussões oriundas da Lei, favoreceram para que a Geografia contribuísse na construção de um sentido de identidade diretamente relacionado ao vínculo com o território, afinal de contas, aprender e ensinar essa disciplina, precisa, de alguma forma, ensinar o ato de se posicionar no mundo. Para isso, é preciso que se conheça primeiro o mundo para, posteriormente, tomar uma posição neste mundo.

Neste contexto é possível trazer para a cena principal aquilo que assistimos cotidianamente através do mundo televisivo como forma de colaborar para a reflexão do espaço de cada ser, e assim levar para a sala de aula a discussão geográfica do lugar que ocupamos no mundo.

Geograficamente falando, conhecer as configurações espaciais do espaço em que vivemos, serve para identificar as posições espaciais que são econômicas, sociais e políticas. Mergulhando no mundo fictício criado por Manoel Carlos, percebemos aquilo que nos aponta Porto-Gonçalves (2002 apud SANTOS, 2007, p. 29):

Uma sociedade que constitui suas relações por meio do racismo, tem em sua Geografia lugares e espaços com as marcas dessa distinção social: no caso brasileiro, a população negra é francamente majoritária nos presídios e absolutamente minoritária nas universidades...essas diferentes configurações espaciais se constituem em espaços de conformação das subjetividades de cada qual.

Renato Emerson dos Santos é assertivo quando aponta que “hierarquizar indivíduos e grupos a partir de seus pertencimentos raciais” (2007, p. 30), de alguma forma favorece na perpetuação da ideia de lugares, no sentido espacial e social, com a presença majoritária ou minoritária entre brancos e negros, indo na contramão dos ganhos da Lei 10.639.

Tal problemática também pode ser explicada por Goffman (1975 apud SANTOS, 2007, p.33) que vai trabalhar com a ideia de “regiões de fachada” e “regiões de fundo”,

apontando as presenças e os tipos de presenças de indivíduos nos lugares, de acordo com a forma como a sociedade tem construído suas estruturas, pertencimentos e atributos. Neste sentido, se pensarmos nas novelas de Manoel Carlos, em quais “regiões” estavam os Negros nas tramas? Na fachada ou nos fundos? Felizmente, a propagação da Lei, suas discussões e reflexões, influenciaram, direta ou indiretamente, na forma como os negros passaram a ser retratados no mundo ficcional a partir de então.

Sem dúvida nenhuma, a difusão da Lei 10.639 possibilitou que a Geografia colaborasse na tentativa de pensar *sobre* o espaço, *no* espaço, mas sobretudo, pensar *com* o espaço.

Por isso, pensarmos em aulas de geografias a partir da realidade dos alunos e suas vivências, inclui falarmos e vislumbrarmos diferentes esferas midiáticas, como as novelas, por exemplo. Neste sentido, podemos trazer para as aulas trechos, capítulos de novelas, documentários e até séries para pensarmos, não só o papel e o espaço do negro, mas de cada um no seio da sociedade.

Assim, conclui-se tais estudos e reflexões propondo-se uma sugestão de intervenção pedagógica na qual se possa trazer a discussão sobre os espaços ocupados pelos negros, perpassando por diferentes épocas históricas, utilizando-se de diferentes artes, podendo ser: novelas, séries, minisséries, músicas, artistas, obras literárias, podcast, etc, valendo-se das diferentes plataformas e mídias.

Nesta perspectiva é importante, para que a reflexão seja frutífera, a escolha de alguma obra adequada à faixa etária a ser analisada, uma vez que será o fio condutor da máxima que se quer alcançar. A partir da escolha de algum meio midiático que suscite a discussão proposta, é importante que se possa entender, ao longo de uma trajetória histórica ou não, uma série de questões importantes, a saber:

Qual o espaço retratado?

Há presença de negros neste contexto?

Quais espaços são circundados pelos negros?

Somente a partir destas reflexões é possível entender geograficamente qual o papel real do negro na Sociedade ao longo do tempo, quais foram os processos por eles vividos, bem como pensar em uma equidade em relação a população branca.

Neste sentido, segue abaixo duas sugestões de atividades didáticas:

PRIMEIRA PROPOSTA DIDÁTICA:

Para isso, a proposta inicial é através da música Zumbi (1974), de Jorge Ben Jor, que segue abaixo:

Zumbi

Angola Congo Benguela
 Monjolo Cabinda Mina
 Quiloa Rebolo
 Aqui onde estão os homens

Há um grande leilão
 Dizem que nele há uma princesa à venda
 Que veio junto com seus súditos
 Acorrentados em carros de bois

Eu quero ver
 Eu quero ver
 Eu quero ver
 Eu quero ver

Angola Congo Benguela
 Monjolo Cabinda Mina
 Quiloa Rebolo
 Aqui onde estão os homens

Dum lado cana de açúcar
 Do outro lado o cafezal
 Ao centro senhores sentados
 Vendo a colheita do algodão branco
 Sendo colhidos por mãos negras

Eu quero ver
 Eu quero ver
 Eu quero ver
 Eu quero ver

Quando Zumbi chegar
 O que vai acontecer
 Zumbi é senhor das guerras
 É senhor das demandas
 Quando Zumbi chega
 É Zumbi é quem manda

Zumbi é senhor das guerras
 É senhor das demandas

Quando Zumbi chega
 É Zumbi é quem manda, ê

Eu quero ver
 Eu quero ver

Eu quero ver
 Eu quero ver

Angola Congo Benguela (eu quero ver, eu quero ver, eu quero ver)
 Monjolo Cabinda Mina (eu quero ver, eu quero ver, eu quero ver)
 Quiloa Rebolo (eu quero ver, eu quero ver, eu quero ver)

Angola Congo Benguela
 Monjolo Cabinda Mina
 Quiloa Rebolo

Angola Congo Benguela (eu quero ver quando Zumbi chegar)
 Monjolo Cabinda Mina (o que vai acontecer, eu quero ver)
 Quiloa

Para o desenvolvimento desta atividade, é importante que se possa iniciar o trabalho em sala de aula **contextualizando o momento histórico vivido na década de 1970**, momento em que foi lançada a música. Uma vez em que é nela que percebeu-se um crescimento de movimentações de luta por melhores condições de vida para a população negra no Brasil.

Ao **analisar a letra da música**, percebe-se que é bastante visual e, a cada estrofe cantada por Ben Jor, é natural que se imagine a cena que está sendo descrita. Aliás esta deve ser a primeira atividade planejada para os alunos executarem, isto é, **escutar a música** atentamente e, somente com o auxílio da letra, **descrever as imagens** que a canção traz à cabeça.

Em um segundo momento, partindo para questões mais geográficas, pode-se **adentrar no uso das expressões ANGOLA, CONGO, BENGUELA, MONJOLO, CABINDA, MINA, QUILOA E REBOLO** para que os alunos conheçam as diferentes denominações das etnias dos negros escravizados e suas regiões da África em que eram embarcados em direção ao Brasil.

A partir deste contexto é possível **trabalhar com regiões da África** através de questões políticas, sociais e econômicas, tanto daquele momento histórico quanto em nossa atualidade. É interessante **visualizar o mapa da África e suas regiões**, complementando e, de certa forma, relacionando com as expressões apresentadas na música.



<https://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-afrika/>. Acesso em 07/12/2022

Posteriormente **as discussões podem ser ampliadas** através de questionamentos como:

Por que a canção se chama Zumbi?

O que vocês sabem sobre Zumbi dos Palmares?

Como os negros eram trazidos da África para o Brasil?

Com quais objetivos?

Na canção ele menciona uma princesa negra, o que isso faz pensar?

Porque o compositor menciona justamente plantações de cana-de-açúcar e café?

Havia formas de resistência à escravidão que era imposta aos negros?

Que tipo de herança deixou ao Brasil e aos brasileiros a presença de africanos por tantos séculos no Brasil?

Podemos falar de heranças culturais e de uma participação marcante na elaboração de uma identidade brasileira?

Enfim, pode-se **trabalhar questões que suscitem uma reflexão sobre a temática** para posteriormente **apresentar o videoclipe da música**, facilmente encontrado no canal Youtube, que contém imagens com um posicionamento bem claro e preciso sobre o tema, o que facilitará na construção de um debate em aula.

Por fim, é possível **explorar, através da utilização de dados do Censo do IBGE, onde estão concentradas as maiores e menores populações de negros** hoje no Brasil, **ampliando a discussão** sobre essa realidade, traçando, inclusive o perfil social e econômico desta população.

SEGUNDA PROPOSTA DIDÁTICA:

Neste segundo momento, a proposta é **pensar no negro e na sua trajetória a partir do espaço e de suas possibilidades intelectuais e sociais**. Para isso, os alunos devem **ler a biografia de Milton Santos**, renomado geógrafo brasileiro, **traçando os lugares por ele percorrido** como forma de **pesquisar novas personalidades** e suas trajetórias.

A DIFÍCIL ARTE DE SER NEGRO NO BRASIL

Pensar na trajetória do negro no Brasil através dos caminhos percorridos por Milton Santos nos mostra uma vida de luta que se assemelha a milhares de negros espalhados pelo país. Oriundos de diferentes cantos da África, no Brasil foram denominados como filhos da escravidão. Os negros viraram moeda de troca, sendo vendidos, emprestados, sorteados, leiloados, mas sobretudo cruelmente afastados de sua cultura, sonhos, ideais e valores.

Nestas condições, como aceitar o brilhantismo de um negro vindo do interior da Bahia, alfabetizado pelos pais, aluno classificado em primeiro lugar no Instituto Baiano de Ensino aos dez anos, professor de matemática aos 13 anos e de geografia aos 15, formado em Direito, escritor, jornalista e professor universitário? Através de muitas negativas que a vida lhe apresentou, Milton Santos fez do mundo a sua casa. Nascido em Brota de Macaúbas, desbravou Ubaíataba, Alcobaça, Salvador, Ilhéus, Toulouse, Bordeaux, Paris, Toronto, Massachusetts, Londres, Venezuela, Lima, Tanzânia, Campinas, Nova Iorque, Rio de Janeiro e São Paulo. O que lhe desenvolveu a percepção do que é ser negro em diferentes continentes.

Estes espaços marcaram seus estudos sobre sua cidade Salvador, assim como aspectos do Planejamento Urbano e Regional, Política Econômica e Geomorfologia.

Milton Santos em sua intelectualidade tinha ciência de que suas ideias, muitas vezes, iam de encontro com as forças políticas e que foram causas de diversos desconfortos, principalmente quando afirmava que a Sociedade precisava discutir sobre o papel do negro nos mais variados espaços. Todo seu legado, ainda que negligenciado em seu país de origem, por questões político-administrativas e raciais, rendeu-lhe prêmios como *Vautrin Lud* (maior honraria da área da Geografia), Anísio Teixeira, Mérito Tecnológico, Personalidade do Ano, Jabuti de Literatura, o Título de Doutor Honoris Causa em quatorze Universidades dentro e fora do Brasil. O ilustre “negro brasileiro” fica imortalizado pelo acervo de mais de quarenta obras, palestras, conferências, artigos e célebres frases, destacando-se a seguinte: “O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos”.

5. REFLEXÕES PARA ALÉM DA TELA

Ao longo dos estudos feitos, foi possível desvendar elementos acerca do que se pensa, a partir do senso comum, sobre o espaço do negro sendo desenhado na cidade do Rio de Janeiro, seguindo os moldes do que aponta Lefebvre quando aponta que:

A cidade é uma obra no sentido de uma obra de arte. O espaço não é apenas organizado e instituído. Ele também é modelado, apropriado por este ou por aquele grupo, segundo suas exigências, sua ética e sua estética, ou seja, sua ideologia. (LEFEBVRE, 2008, p. 82)

Refletindo inicialmente sobre a cidade do Rio de Janeiro e na sua formação, podemos inferir que há um grande contingente populacional de pessoas autodeclaradas pretas e pardas, conforme nos apontam os dados do Censo Demográfico de 2010, segundo o IBGE, já mencionado anteriormente.

Assim, minha primeira inferência é apontar que não há uma equidade televisiva entre brancos e negros, uma vez que há uma participação inexpressiva do núcleo negro nas tramas analisadas. O que se distancia da própria realidade do Rio de Janeiro.

Em nenhuma telenovela brasileira houve qualquer defesa da mestiçagem brasileira, nem mesmo nas adaptações das obras de Jorge Amado. O mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão-do-mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante e delegado, portanto sempre no papel de serviços intermediários, mais interessados em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem 'impura', buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades de controle do negro na sociedade (ARAÚJO, 2008, p. 7).

Sendo assim, é possível que possamos construir novas hipóteses para o apagamento da figura do negro nas obras de Manoel Carlos, talvez a mais evidente seria advinda do fato de haver um número inexpressivo de pretos e pardos no bairro Leblon, denotando exatamente o que era vivenciado por ele durante seu processo criativo. No entanto, tal realidade não pode ser expressa como sendo o panorama brasileiro.

Posto isto, é preciso que se mostre que, segundo o Atlas do Censo Demográfico 2010, aponta-se que, através do mapa da população por cor ou raça, o Brasil possui um total de

97.171.614 pessoas autodeclaradas pardas ou pretas, contrastando com 90.621.281 pessoas autodeclaradas brancas. No entanto, dados de 2020, apontam que 54% da população brasileira é negra. Enfim, essa é a realidade que precisa ser retratada, pois:

O Brasil não pode seguir sendo representado como um país absolutamente branco e que os poucos negros que o compõem, segundo as novelas, estivessem somente na condição de servir e, neste caso, a escola tem o papel fundamental de ajudar a formar novos espectadores, com um outro olhar, não permitindo mais que a naturalização da subalternidade de uma importante parcela da população seja perpetuada. (FELISBERTO, p.92, 2011)

Neste sentido, há também a necessidade de se pensar não somente na representatividade, mas também na forma como o espaço do negro também precisa ser retratado, compactuando com a prerrogativa apresentada por Campos, quando nos demonstra que:

o espaço social é produto do trabalho, local em que se localizam as mais variáveis instâncias, da produção, do consumo, do poder, das ideias, da cultura; portanto, ele é um suporte para a sociedade concreta, ou seja, o “palco”. Desta forma, os membros que compõem a sociedade concebem diferentes cenários, arranjados de acordo com o sistema relacional estabelecido em que são impostas normas e regras sociais de conduta a todos os participantes de dada sociedade. (CAMPOS, p.78)

Com isso, quero apontar que sabemos que há negros em “diferentes cenários” sociais. Então por que eles não foram assim retratados, pelo menos no início dos anos 2000? Tal situação é muito representativa dos conceitos apregoados por Campos, quando nos aponta que a figura do negro, ao longo do tempo, foi passando do “desalmado” ao “invisível”. Ora, se não há mais o espaço da senzala a ser retratado, conseqüentemente também não há outro espaço, ou seja, cabe então o espaço da “invisibilidade”.

Por isso, devemos pensar nessa “invisibilidade” no plano do apagamento de suas histórias pessoais nas tramas apresentadas, assim como na inexistência de seus espaços de poder e convivência social. Mas acima de tudo, na ausência de conhecer esses personagens distantes de seus espaços servis. Eles passam a grande parte das cenas em situações servis, perdendo suas identidades, vivem em espaços sem nomes.

No entanto, precisamos apontar uma movimentação espacial dos personagens negros, quando vislumbramos o final dos anos de 2010. A novela Páginas da Vida traz os personagens negros para o seio do núcleo principal, porém ainda há um sentimento de estranhamento e não

de pertencimento, visto que eles ocupam estes espaços, mas as discussões em torno destes personagens estavam baseados exclusivamente no sentimento do preconceito.

Tais personagens dão voz a situações de embate ao preconceito, por talvez ainda não serem vistos, nas tramas, como pertencentes a estes espaços, contribuindo, de certa forma, para essa discussão social tão importante e necessária em nossa sociedade. No entanto, há só este espaço ao negro? O espaço da problematização do preconceito? Ainda precisamos lidar com o estranhamento do negro doutor ou universitário?

Quando trazemos para o centro da discussão a novela *Viver a Vida*, parece-me que a problemática ainda é mais acentuada, por diversos motivos. Inicialmente há uma protagonista negra, o que, por si só, poderia conotar uma ascensão do negro no espaço construído por Manoel Carlos. No entanto, tal protagonista não segue o padrão idealizado das heroínas anteriores, pois esta se mostra totalmente dissociada de sua família, em busca de seus próprios ideais, características pouco presentes nas suas antecessoras.

Ainda sob a ótica da construção da personagem, a própria intérprete em entrevista ao site Observatório da TV, aponta que o espaço dado à Helena não foi bem aceito pelo público, uma vez que, segundo a atriz:

“Eu acho que o Brasil naquele momento não sabia compreender como é que havia aquela mulher negra, com sucesso, rica, e você não explicava [como ela chegou lá]. Era um Brasil – que até hoje é assim – em que você precisa explicar porque é que o negro tá nessa posição, como é que conseguiu chegar”.

De certa forma, arrisco em apontar que no imaginário popular, lugar de negro é na favela ou nos bairros de classe baixa, o que espacialmente não se comprova o contrário, como nos aponta o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), quando apresenta os dados referentes, por exemplo, da já mencionada Cidade de Deus, classificado no grupo 1 do IDS (índice de desenvolvimento social), na faixa dos bairros mais pobres.

Notoriamente os dados são claros, neste espaço há uma predominância de famílias pobres e autodeclaradas negras ou pardas. No entanto, não é um bairro exclusivamente negro, dado que muitas vezes é desconsiderado. Na mesma medida em que no Leblon aparenta ter apenas brancos, em vilas e favelas aparenta ter apenas negros.

Em suma, toda esta incursão nos ajuda a tentar explicar qual seria o motivo para Helena, de Tais Araújo, não circundar o bairro do Leblon como seu nascedouro. Parece-me que, mesmo sendo protagonista, e sendo este o local de origem de todas as anteriores, a ela não coube este espaço. Seria uma furtiva coincidência ou um espaço a ela não permitido?

Em outras palavras, por que a Helena negra possui características tão distintas e perambula por espaços tão diferentes das protagonistas das tramas anteriores? É preciso que se desconstrua alguns paradigmas, dentre eles, a ideia apontada por Campos, 2008, p. 181, de que “acredita-se que os afrodescendentes, por pertencerem aos grupos urbanos mais empobrecidos, mediaticamente, têm sua imagem associada à existência de favelas e à criminalidade”.

Nesta tentativa de fortalecer um devido espaço ao negro, a geografia é capaz de abrir caminho para esta nova visão a partir de uma leitura, sempre atual e crítica do mundo, assim:

Se a leitura do mundo implica um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação/contextualização das informações, cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura. Assim, a escola constitui lugar de reflexão acerca da realidade, seja ela local, regional, nacional ou mundial, fornecendo instrumental capaz de permitir ao aluno a construção de uma visão organizada e articulada do mundo (PONTUSCHKA, p. 262, 2009)

E mais do que isso, segundo Felisberto, 2001, p.89, quando o professor trabalha com as telenovelas, é capaz de intervir através de três vias:

“primeiramente observar os personagens negros que aparecem nas novelas e seus respectivos diálogos; segundo, o depoimento das atrizes e atores ao longo; e terceiro, o depoimento dos diretores brancos a respeito do processo de criação e seleção do elenco que compõe suas novelas”.

Como forma de explicitar o que nos afirmam as duas autoras, essa incursão no mundo das novelas, de alguma forma, propõe uma reflexão perpassando por diferentes conceitos e questões, sejam elas geográficas e sociais, sempre pertinentes e necessárias em nosso contexto atual.

Neste sentido, a promulgação da Lei 10.639/2003 foi um marco fundamental para que a temática do negro fosse pautada de forma a combater as desigualdades raciais. Em outras palavras, ela passou a reposicionar o protagonismo do negro, colocando-o em diferentes espaços através da escola primeiramente. Afinal de contas, há negros em diferentes espaços e lugares sociais e eles precisam ser retratados, principalmente para dar voz e vez a esta

população, pois “o falar não se restringe ao ato de emitir palavra, mas a poder existir” (RIBEIRO, p. 64, 2021).

E essa “existência” do negro em diferentes espaços sociais sendo retratada no imaginário televisivo possibilita a ampliação desta discussão, abrindo um espaço de fala, conforme nos aponta Ribeiro, 2021, p. 55, quando apregoa que: “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia”.

Para que tudo isso aconteça, ainda é preciso que surjam mais helenas “negras”, que elas possam perambular todos os espaços principais das futuras tramas televisivas, assim abrindo espaço para uma nova consciência social às futuras gerações de crianças e adolescentes que assistirão estas tramas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este breve, mas intenso mergulho no mundo da teledramaturgia, recordo imediatamente de uma célebre frase de Heráclito, certa vez utilizada em uma analogia apresentada em uma novela, na qual afirma que “nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o homem!”.

Para mim esta investida na temática traz novos olhares sobre as mesmas cenas, que hoje parecem tão distantes, mas ainda assim tão vivas e próximas da realidade. Porém, felizmente, eu e grande parte da população não somos mais os mesmos. Pois passados mais de vinte anos das histórias que revisei, muito caminho foi percorrido e muitas trajetórias foram mudadas, dando lugar a novos espaços de pertencimento, em especial a homens e mulheres negras.

Ao longo dos estudos e pesquisas que fiz, tardei a desvincular meu pensamento da ideia do preconceito, pois insisti, muitas vezes, em querer rotular a escrita de Manoel Carlos no plano da intencionalidade de desfazer da figura do negro nas suas novelas. Hoje, através das convicções oriundas deste trabalho, passo a entender que este meu olhar era fruto das muitas situações de preconceitos vividas por mim, uma mulher negra e da periferia, e não especificamente do fazer criativo do autor. Pois o que para mim é preconceito, para ele pode ser simplesmente aquilo que via cotidianamente.

Reafirmo que, na minha visão, todos os empregados domésticos e motoristas serem negros é racismo, é desprestígio da raça. Para Manoel Carlos fora uma constatação da realidade por ele vivida, ou seja, o desejo de ver um negro em ascensão é meu, por querer ascensão para mim também, o que se configura algo irrelevante para o escritor. São realidades e ideais diferentes, cabe a ele, apenas o ato de escrever, cabe a mim, sonhar através da tela.

Neste sentido foi importante adentrar não somente na ficção, mas banhar-me de tudo que se configurou de mais real acerca do negro na sociedade. Vislumbrar o espaço dado a ele na cidade do Rio de Janeiro, foi o primeiro passo para a tecitura deste trabalho. Por isso, ao longo do primeiro capítulo, entendi as agruras daqueles que foram arrancados e obrigados a viver longo das suas terras, que trabalharam forçadamente na construção do nosso país, mas que não eram brancos o suficiente para embelezar a cidade maravilhosa. Este primeiro retrato

do negro na sociedade carioca explica muito sobre o espaço que a eles foi dado por muito tempo.

Neste sentido, se não há um interesse em manter o negro figurando os espaços principais da sociedade, por que isso aconteceria nas telas? Assim o apagamento social vivido pela população negra também foi imposto às produções televisivas, conforme foi apontado ao longo do segundo capítulo aqui construído. No entanto, quando adentramos no terceiro capítulo, minhas angústias e constatações passam a ser melhor discutidas e analisadas.

Quando passo a refletir sobre o espaço do negro no recorte de novelas de Manoel Carlos, vimos uma década de encontros e desencontros acerca da figura do negro. Principei este trabalho através de uma busca exaustiva por informações que localizassem os personagens e seus locais de pertencimento, encontrei muitas informações de grande parte deles, exceto daqueles que mais me interessavam.

Como foi possível décadas de novelas com personagens figurando situações tão serviçais, tão pequenas na totalidade das tramas? Por que a eles não foi dada a oportunidade de circular o seu espaço? Por que um negro em ascensão é motivo de tanto estranhamento? E, por fim, meu trabalho discutiu sobre o que fez essa realidade artística ser modificada.

Essa nova discussão foi o assunto pautado ao longo do quarto capítulo, pois buscando relacionar as tramas escritas com a realidade vivida, percebi que em meio a década de 2000/2010 nasciam novas reflexões sociais oriundas da Lei 10639/03, trazendo para a sala a figura do negro. E assim, ainda que aos poucos, abriu a sala de aula para mostrar a cultura da população negra, discutindo e dando espaço a esse povo, o que refletiu, ainda que a passos pequenos, nas cenas e salas das teledramaturgias. Por isso, ao final deste capítulo, sugeri duas propostas de trabalho efetivo em sala de aula.

Afirmo que saio deste mergulho com a certeza de que aquele cenário de apagamento inicial já foi superado, muito já se mostrou sobre os negros, a heroína Helena já figurou no Leblon, os negros já saíram das cozinhas e já adentraram as salas, já dominaram os núcleos principais, mas ainda sinto que devemos avançar mais.

Essa discussão precisa ir além: as empregadas domésticas podem ser brancas ou negras e ter o seu espaço, sendo construtoras de discussões nas tramas; a médica negra pode ter cabelo *black power* e não precisamos falar somente sobre preconceito; o negro pode nascer e viver no Leblon e não ser mais associado às favelas, o jovem negro pode habitar bairros de

classe alta sem ser adotado; o morador da favela não precisa ser mau caráter, entre outras pautas nascidas nas telas.

Enfim foi através da tela que nasceram as reflexões apresentadas, mas é na sala (de aula e de casa) que elas devem permanecer para que tudo que já foi construído possa ser efetivado na prática. É na sala de aula, nas aulas de geografia, que essas discussões devem ser feitas, através dos mais variados instrumentos – e as novelas são um excelente retrato social a ser explorado – para que tais assuntos cheguem na sala de casa, nas famílias e na consciência do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira.** Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3), setembro-dezembro/2008.

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na TV pública.** Brasília: FCP, 2010.

BRASIL DE FATO. **Bairros mais pobres do Rio concentram mais mortes por Covid-19 comprova IPEA.** Disponível na Internet: <https://www.brasildefatorj.com.br/2020/08/04/bairros-mais-pobres-do-rio-concentram-mais-mortes-por-covid-19-comprova-ipea>. Acesso em 13/10/2022.

BRASIL ESCOLA. **A representação da mulher negra na teledramaturgia brasileira.** Disponível na Internet: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-representacao-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.htm>. Acesso em 16/10/2020

CAMPOS, Andreino de O. **O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Geografia Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lopes de Souza Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação em Geografia Rio de Janeiro, setembro de 2006.

CAMPOS, L. A *et. al.* **A raça e o gênero nas novelas dos últimos 20 anos.** Disponível na em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/a-raca-e-o-genero-nas-novelas-dos-ultimos-20-anos/>. Acesso em 05/12/2022

CANDIDO, Marcia Rangel et al. **Gênero e raça no cinema brasileiro.** Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 36, n. 106, e3610611, 2021

FELISBERTO, Fernanda. **A seguir cenas dos próximos capítulos: a negação do Brasil. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.** In: SOUZA, a Edileuza Penha de. Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Onde a cidade perde seu nome**. In: SANTOS, Milton (Org). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975

IBGE. Dados censitários. Disponível na Internet: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em 12/10/2022

LEFEBVRE, Henri. **A cidade e o urbano**. In: Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O espaço como categoria de análise geográfica**. In: Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Juliana Domingos. **Thalma de Freitas enquanto existir o quarto de empregada a luta continua**. Disponível na Internet: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/thalma-de-freitas-enquanto-existir-o-quarto-de-empregada-a-luta-continua/#page1>. Acesso em 15/10/2020

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009

REVISTA AFRO. **Roberta Rodrigues**. Disponível na Internet: <http://www.revistaafro.com.br/portal/entrevistas/roberta-rodrigues/>. Acesso em 06/12/2020

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021

SANTOS, Renato Emerson dos. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

SOUZA, Edileuza Penha. **Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011

VIEIRA, Renan. **Atriz Thalma de Freitas, a Zilda de Laços de Família, defende a personagem: humilhação jamais**. Disponível na Internet: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/atriz-thalma-de-freitas-a-zilda-de-lacos-de-familia-defende-a-personagem-humilhacao-jamais>. Acesso em 12/10/2020

VIEIRA, Renan. **Tais Araújo fala do insucesso de Helena de Viver a Vida, minha personagem foi um erro.** Disponível na Internet: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/tais-araujo-fala-do-insucesso-de-helena-de-viver-a-vida-a-minha-personagem-foi-um-erro>. Acesso em 13/10/2020

FONTES DE INFORMAÇÕES SOBRE AS NOVELAS

Laços de Família. Disponível na Internet: <http://teledramaturgia.com.br/lacos-de-familia>. Acesso em 12/10/2020

Viver a Vida. Disponível na Internet: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/personagens/>. Acesso em 12/12/2021

Páginas da Vida. Disponível na Internet: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/paginas-da-vida/personagens/>. Acesso em 13/10/2020

Páginas da Vida. Disponível na Internet: <http://teledramaturgia.com.br/paginas-da-vida/>. Acesso em 12/10/2020

Mulheres apaixonadas. Disponível na Internet: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/personagens/>. Acesso em 15/10/2020

7. ANEXOS:

LISTA DE SUGESTÕES DE INSTRUMENTOS MIDIÁTICOS PARA A ABORDAGEM DO TEMA EM SALA DE AULA

A partir da temática afro é possível propor diferentes abordagens pedagógicas, nas quais faça surgir a possibilidade de discussão sobre o espaço e o uso dele por brancos e negros. Assim, abaixo segue uma pequena lista de sugestões de instrumentos midiáticos para a abordagem do tema em sala de aula:

Filmes:

Escritores da Liberdade, Richard LaGravenese – EUA/ 2007/Comédia Dramática,

Vista a minha pele, Joel Zito Araújo & Dandara – BRA/2004/ Comédia,

Mãos talentosas, Thomas Carter-2009/EUA/Drama,

Entre os muros da escola, Laurent Cantet – 2008/ França/ Drama,

Separados mas iguais, George Stevens Jr – 1991/ EUA/ Drama,

Sarafina – o som da liberdade, Darrell Roodt – 1992/África do Sul/Musical,

Preciosa, Lee Daniels – 2009/EUA/ Drama,

Alguém falou de racismo, Daniel Caetano – 2002/Brasil/Drama

Séries:

Cara Gente Branca, Olhos que condenam, Irmandade, A vida e a História de Madam C.J.Walker

Documentário:

Cultura Negra – Resistência e identidade, Ricardo Malta – BRA/2009 /Documentário, Olhos azuis, Jane Elliot- 1968/EUA/Documentário,

Músicas:

- Taiguara – Negróide (1968),
- Clementina de Jesus – Cangoma me Chamou (1970),
- Jorge Ben – Zumbi (1974),
- Toni Tornado – Sou Negro (1972),
- Dona Ivone Lara e Jorge Ben Jor – Sorriso Negro (1981),
- Leci Brandão – Zé do Carço (1985),
- Cidinho e Doca – Rap da Felicidade (1993),
- Negritude Jr. – Cohab City/Vem Pra Cá (1995),
- Racionais MC's – Diário de um Detento (1997),
- Elza Soares – Carne (2002),
- Rincon Sapiência – A Coisa Tá Preta (2016)

Artistas e Obras literárias:

- Pequeno Manual Antirracista - Djamila Ribeiro,
- Racismo Estrutural - Silvio Almeida,
- Racismo Recreativo - Adilson Moreira,
- Apropriação Cultural - Rodney William e Djamila Ribeiro,
- O Genocídio do Negro Brasileiro - Abdias Nascimento,
- Na Minha Pele - Lázaro Ramos,
- Quarto de despejo: Diário de uma Favelada - Carolina Maria de Jesus

Podcast:

- Afetos
- AfroPai
- AfroPausa
- Depois das 19
- História Preta
- Kilombas Podcast
- Lado Black
- Lista Preta Podcast
- Papo Preto
- Pele Preta
- Negro da Semana
- M
a
n
o

a

M
a